

fli
petrópolis

Prêmio de
Redação

Nº:

Nome: Ana Luíza Lourenço Corralho

Idade: 17 Série: 2º ano

Endereço do aluno: Estrada da Independência 1551.

Título: Postuma Carta de um Autor.

Quando morri, notei que não construí um legado como se espera de um homem. Não ergui impérios, não acumulei fortunas, tampouco liderei um país. Digam que após o último suspiro, há este minutos em que você revisita seus momentos mais importantes, eu achava tal lenda, feliz! De qualquer modo, acontece para valer. Nada mais corre pelas veias e será esquecido para todo o sempre. Pode achar o destino um tanto cético, não é? Veja só como estive enganado.

No momento em que fui colocado na fria urna, vizinhos meus com as pétalas perfumando a madeira, senti que algo em meu peito sem vida dizia que não haveria possibilidade de eu ser lembrado. Um homem que não teve dinheiro, nem amigos e era cuspiado pelos homens de alta sociedade! Eu restaria perdido, condenado a ser uma lápide com poucas palavras do que não fui.

A primeira lembrança foi como um abraço de mãe. Lembrei-me dos dias que mori na biblioteca lendo romances e fantasias, era onde, eu, um pobre garoto, pude experimentar viver vidas longe do meu alcance.

E alegre me vi comprando minha primeira máquina de escrever! Foi minha primeira compra como um florista. Nela escrevi tantas vidas que mal posso contar com exatidão.

Então, vi meu primeiro livro sendo publicado. Eu era um garoto de vinte anos cheio de esperança. Pobre menino das dezenas de obras e ninguém escreve seu nome.

Por último, vi o cemitério, este mesmo em que me deito. Na frente de minha lápide vi homens, mulheres, pessoas e seus rostos eu jamais vi. Eles discutiam sobre minhas obras, Digam que fui um gênio e que escrevi para sempre lembrado pelas palavras que eu trouxe ao mundo.

Assim, pude notar que vi o futuro, que memórias ainda lhe mantêm vivo e que com simples linhas e pontos, construí mais do que se espera do homem.